

SPIRITU, CORDE ET PRACTICE.
A CULTURA VISUAL E O “MODO DE PROCEDER” JESUÍTICO.

Isabel Cristina Fernandes Auler*

RESUMO: Esse trabalho consiste na análise da função das imagens para pregadores jesuítas, onde a retórica orienta as relações entre visualidade, memória, meditação e ação devota. Mais precisamente no estudo da obra *Adnotationes e Meditationes in Evangelia* de Jerônimo Nadal S.J, publicado em 1595 na Antuérpia. Baseado em narrativas bíblicas sobre a história da salvação do homem, o livro contém gravuras que ilustram determinadas cenas da vida de Jesus Cristo. Pretendo demonstrar que a obra nadalina representou a tentativa de uma conciliação entre vida ativa e contemplativa, através da elaboração de imagens retóricas – além das anotações e meditações acopladas a elas - análogas a sua tríade *spiritu, corde et practice*, que sintetizavam “o modo de proceder” da Companhia.

PALAVRAS – CHAVE: Companhia de Jesus; imagem; retórica; Contra-Reforma; identidade

ABSTRACT: This paper consists on the analysis of the image’s function to Jesuit preachers, in which rhetoric orients the relation between vision, memory, meditation and devote action. In particular, this analysis refers to Jerônimo Nadal’s book *Adnotationes et Meditationes in Evangelia*, published in 1595, in Antwerp. It is based on biblical narratives that described the salvation of mankind and it has illustrations of particularly scenes of the life of Jesus Christ. I intend to demonstrate that this book represented Nadal’s aspiration to conciliate active and contemplative life trough rhetoric images, which were analog to his epigram *spiritu, corde et practice*, that try to synthesize the “Jesuit way”.

KEYWORDS : Jesuits; image; rhetoric, identity; Counter Reformation.

* Mestranda em História Social da Cultura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Possui graduação em História pela PUC-Rio.

Contemplatio in actione.

Em Busca de uma conciliação.



Anunciação da obra *Adnotationes et Meditationes 1607*. De Jerônimo Nadal¹

¹ A- Há uma reunião de anjos, na qual Deus declara a Encarnação de Cristo e designa Gabriel como embaixador. B-Gabriel vem a Nazaré formando para si um corpo humano. C-Uma nuvem que vem do céu, cheio de raios que atinge a Virgem Maria. D-O quarto onde está Maria, agora visto em Piceno, região de Loreto. E-O anjo saúda a Virgem Maria, ela dá o seu consento e Deus se faz homem, e ela Mãe de Deus. F-A criação do mundo, no dia em que Deus se tornou homem G- No mesmo dia, Cristo morre,

A imagem em questão faz parte de uma obra do século XVI, elaborada pelo jesuíta Jerônimo Nadal. Baseado em narrativas bíblicas sobre a história da salvação do homem, o livro *Adnotationes et meditationes in Evangelia*² contém gravuras que ilustram determinadas cenas da vida de Jesus Cristo. Cada imagem possui uma série de letras e suas respectivas *adnotationes* que, além de identificar os personagens e locais históricos, demarcam o processo narrativo, que deve ser acompanhado pelo espectador.

De acordo com Diego Jimenez, assistente de Nadal e responsável pela organização do livro após sua morte, o livro de meditação originou-se de uma sugestão de Inácio de Loyola (JIMENEZ, 1607, apud NADAL, 2003, p. 99); sua proposta consistia em uma extensão do método de oração dos *Exercícios Espirituais* a todo o ano litúrgico, através da formulação de pontos para a meditação juntamente com comentários e ilustrações.

Ignácio, um dia disse a Jerônimo Nadal, o quão proveitoso seria para a meditação e oração dos jovens religiosos da Companhia de Jesus, se

para que o homem perdido seja recriado. H- Pode-se piamente crer que um anjo foi mandado ao limbo para anunciar a Encarnação de Cristo aos Patriarcas Tradução In: NADAL, Jerônimo. *Annotations and Meditations on the Gospels*. Vols. I. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003

² NADAL, Jerônimo. *Annotations and Meditations on the Gospels*. Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003. Para desenvolver seu texto, ou seja, as anotações e meditações anexadas às cenas históricas, Nadal embasou-se em uma compilação de desenhos de Livio Agresti, produzidas entre 1555 e 1562. Desejando convertê-las em gravuras para seu livro, Jerônimo foi a Antuérpia a procura do tipógrafo real Christopher Plantin. Após a morte de Nadal em 1580, o jesuíta Giovanni Battista Fiammeri produziu uma série de *modelli*, baseados nos desenhos de Agresti, contudo, devido às inúmeras críticas negativas recebidas por tal produção, Bernardino Passeri, especialista em ilustração, e mais tarde Marten de Vos, retomaram o projeto de Fiammeri e produziram a série final de *modelli*. Convertida em gravuras pelos irmãos Wierix, as imagens, sob o título *Evangelicae Historiae Imagines*, foram publicadas em 1593, dois anos antes do livro *Adnotationes et Meditationes* (ilustrações juntamente com as anotações e meditações). Sancionada pelos teólogos da Universidade de Louvain, pelo Collegium Romanum e pelo censor de Roma Francisco de Toledo, a obra em questão foi publicada em 1595 por Martin Nutius e posteriormente por Jan Moretus em 1607. Jerônimo foi o responsável pela escolha de cada cena bíblica representada em seu livro, pois foi a partir de suas anotações que essas imagens foram feitas. Mesmo que a publicação da obra só tenha ocorrido após sua morte, não devemos esquecer que tanto os editores Christopher Plantin e Martines N., quanto os artistas responsáveis pelas gravuras, Bernardino Passeri, Marten de Vos, Jerome e Anton Wierix, tiveram suas colaborações subordinadas à composição idealizada por Nadal. “Desde su estancia en Hall, Nadal se había ocupado de hacer dibujar, bajo su estricto control, las imágenes que correspondían a los temas de sus meditaciones, determinando la posición de las figuras y escenas hasta los mínimos detalles.” In: CANELLAS, Juan Nadal. *Jeronimo Nadal. Vida e Influjo*. Mariano: Editorial Sal Terrae, 2007. Pgs. 230.

Para maiores informações sobre a elaboração da obra ver: HOMANN, Frederick. SJ. *Introductory story*. In: NADAL, Jerônimo. *Annotations and Meditations on the Gospels*. Vols. I. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003 e WADELL, Maj-Brit. *Evangelicae Historiae Imagines. Entstehungsgeschichte und Vorlagen*. Goteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1985.

alguém reduzisse os escritos evangélicos, lidos durante as missas de domingo, através de tópicos específicos ou pontos para a meditação, além de complementá-los com sua exegese apropriada e com imagens (JIMENEZ, apud NADAL, 2003, p. 99).

Nadal reclamou tal tarefa para si, atrelando a cada gospel sua história - uma retomada acurada dos escritos de outros evangelistas – e uma ilustração. Para cada lição do evangelho – 153 mistérios da salvação, presentes nas leituras da Bíblia -, nosso autor designou uma imagem e fixou uma anotação que apresenta o local e o tempo histórico, no qual tal evento bíblico ocorrera, além de uma meditação sobre cada episódio.

De acordo com Coupeau, a obra nadalina em questão era destinada a leitores de fora da Companhia de Jesus, uma vez que “tratan de los mismos temas del instituto de la Compañía y de asuntos propios a ella (pero) los tratan, sin embargo, para un lector que no conoce bien a la Compañía”(COUPEAU,2007,p.10). Jimenez, contudo, afirma que este trabalho dirigia-se à comunidade jesuíta:

Note nas Anotações e nas Meditações, que Nadal escreveu seu texto para religiosos. Seu objetivo primeiro não era escrever para um auditório comum, mas sim para jesuítas, especialmente os jovens escolásticos.(JIMENEZ apud NADAL, 2003, p.101)

No entanto, devido a seu valor pedagógico e artístico, o livro, de fato, alcançou grande repercussão e circulou por um público muito mais amplo e diversificado. Paul Hoffaus, assistente do Fr. Geral Mercuriano, na expectativa de conseguir fundos para a publicação do livro, escreveu uma carta ao Papa Clemente VIII descrevendo-lhe a relevância dos escritos nadalinos:

... útil e benéfico a todas as classes de pessoas que sabem latim, especialmente aos candidatos ao sacerdócio... o livro não só é desejado por europeus, como também por missionários nas Índias, que utilizando as imagens, poderão mais facilmente cooptar novos cristãos pelos mistérios da redenção humana, os quais são difíceis de compreender através da pregação e catecismo. (MERCURIANO, apud MELLION, 2003, p.1)

O objetivo deste trabalho é analisar a função das imagens para pregadores jesuítas, onde a retórica orienta as relações entre visualidade, memória, meditação e ação devota. Mais precisamente no estudo da obra *Adnotationes e Meditationes* de Nadal. Portanto, apesar desta posterior amplitude, primeiramente o que nos interessa é o

objetivo de Jerônimo, ou seja, a proposta de uma obra imagética sobre a vida de Jesus Cristo, direcionada a Companhia.

Qual seria a relevância da utilização de imagens em uma obra que não almejava converter? Para responder a essa pergunta tornou-se necessário fazer um levantamento bibliográfico do jesuíta em questão, pois, à medida que compreendamos sua formação intelectual e papel na Companhia de Jesus, tornar-se-á possível apreender a relevância da produção desta obra.

Vestígios biográficos: um retrospecto de sua formação intelectual.

Nadal foi um dos primeiros a juntar-se a Companhia; associou-se a ordem em 1545, após fazer os *Exercícios Espirituais* de Loyola. Considerado um segundo fundador da Companhia de Jesus, sua vida fora marcada pelas inúmeras viagens que fizera como porta-voz de Inácio, para a promulgação das *Constituições*³.

A claridade do entendimento, cultivado nas universidades de Alcalá e de Paris, o grande juízo prático para tratar dos negócios, a fecundidade de meios para conseguir o que desejava, a atividade e energia no obrar, a muita experiência do mundo (...) a sólida formação religiosa que recebera das mãos do mesmo S. Inácio, faziam de Nadal um superior admirável e apto como ninguém para a obra que desejava fazer o Santo Patriarca. (ASTRAIN, 1912, p.386)

Dentre as inúmeras funções que possuía, uma das mais relevantes consistiu na procura do significado da oração jesuítica, o que o tornou um importante autor espiritual e ascético dentro desta Ordem.

O modo de orar da Companhia não deve ir de encontro aos trabalhos que nos são próprios. Por isso é nossa incumbência nos prostrarmos diante desse problema até recebermos de Cristo a habilidade de fazer a acomodação correta. (NADAL, apud BANGERT, 1992, p.50)

A partir deste reconhecimento quanto à existência de um problema a ser resolvido, Nadal aprofundou-se na análise desta complexa relação entre vida ativa e contemplativa.

³ “A freqüência e o caráter das viagens de Nadal significaram que praticamente todos os jesuítas na Europa o encontravam (...). Desse modo Nadal conheceu e influenciou diretamente um número maior de membros da Companhia do que o próprio Inácio.” In: O’MALLEY, John. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; 2004 pg. 31.

Não há como negar a influência inaciana na obra imagética de Nadal. Seus *Exercícios Espirituais* visavam a meditação do devoto, que, durante o processo de retiro espiritual, descobriria a presença divina em todas as coisas. Essas práticas pessoais de contemplação eram orientadas por um indivíduo, o diretor, que ajudaria na “direção espiritual” do praticante. Essa inovação era considerada uma característica central para Nadal, uma vez que, para ele, a Companhia tinha como dever ensinar aos cristãos como rezar, já que essa sabedoria estava sendo negligenciada – mais um motivo para a elaboração de uma obra que poderia aperfeiçoar o “modo de orar” jesuítico através da própria prática meditacional.

Ha aprovechado a algunos, y puede aprovechar a todos, con humildad y simplicidad decir a Dios nuestro Señor: «Señor, yo soy una bestia, y no se hacer oración; mostradme, Señor, a hacer oración.» Todos los que en la Compañía entran, que ternan particular devoción y modo de oración diverso, este han de dejar y mudar en el modo de la Compañía y particular devoción dela con intenso deseo de tenerle y ser poseídos del; y ejercitarse en las obras de la Compañía; leer, meditar, y gustar lo que ha escrito el P. Mtro. Ignacio con toda ponderación, devoción y humildad. (...) Y es cosa sujeta a experiencia, que quien sigue su spiritu, aunque bueno, en la Compañía, y no se humilia al proprio dela, poco a poco va a total manera diversa, radicando sus hábitos; y estos son después difíciles, cuanto mas van, de tornar al camino, y puede ser que de allí se sigan disensiones importantes en cosas espirituales, y perder poco a poco el spiritu de la Compañía. (NADAL, 1577, p.681)

Como podemos perceber nessa passagem, a preocupação de Nadal concentrava-se não apenas nos jovens que não sabiam orar, mas também naqueles que não oravam de acordo com os preceitos jesuíticos. De acordo com Jerônimo, antes de ingressar à Companhia de Jesus, todo noviço deveria praticar os *Exercícios Espirituais*, aprendendo assim como orar com devoção. Durante esses exercícios, o indivíduo deveria emocionar-se, pois a conversão espiritual só tornar-se-ia possível através do manifesto das emoções.

Nadal concebe aos sentidos, em especial a visão, um papel muito importante à prática contemplativa, pois através dos “olhos exteriores” o espectador consegue abrir seus “olhos interiores” que o farão enxergar as verdades divinas e compreender sua missão, como companheiro de Jesus. A contemplação da graça⁴ divina deveria iniciar-se

⁴ “Gracia es el concepto bíblico que Nadal utilizó para explicar cómo, contra lo que creían los luteranos, los “papista” no persiguen una vida de perfección basada exclusivamente en el esfuerzo humano y la

pela emoção; o coração seria a chave da elevação espiritual, não a mente. Além disso, a transposição do que foi apreendido a uma efetiva ação no mundo era a principal tarefa do jesuíta⁵.

Pelo Espírito Santo a Palavra torna-se clara. No amor e na afeição do coração o Espírito Santo é manifesto. Através de seu coração trabalhe com Deus. (...) As revelações dadas nas escrituras devem animar a vida e encontrar preenchimento na ação. Na ação elas são finalmente compreendidas.(NADAL, apud BANGERT, 1992, p.218.)

Através de suas experiências espirituais e intelectuais, Nadal conseguiu elaborar uma fórmula, cujos princípios sintetizam o modo de proceder jesuítico: *spiritu, corde, et practice*.

O agir no Espírito significava imputar tudo a Deus e à graça divina. Agir de coração significava trazer os sentimentos a tudo que se fizesse e nunca agir somente especulativamente- ut speculative tantum ne agamus. Atuar praticamente significava que a afetividade do jesuíta não era contemplativa, mas era dirigida a ajudar os outros. Numa palavra, atuar praticamente significa atuar pastoralmente."Teologia mística" expressava um aspecto central do modo de proceder dos jesuítas.(O'MALLEY, 2002, p.392.)

Para Nadal, portanto, *Spiritu* significaria conformar-se inteiramente com a palavra de Deus, resignando-se por completo, tornando-se, assim, um instrumento da salvação. A vontade deveria estar a serviço da vocação que lhe fora concedida pela graça divina; nenhuma decisão deveria ser tomada sem uma prévia abnegação ao que fora determinado pelo Senhor. *Corde* demonstra a importância do amor, pois, para

práctica de la virtud. Dios, llamando, capacita para el seguimiento de Cristo, pero el hombre coopera por medio del deseo de responder a esta llamada. El concepto de gracia que Nadal usa está fundamentado en la Escritura. Nadal lo explica en categorías de la teología de St. Tomás de Aquino. (...) Nadal entiende la gracia de la vocación como una *gratia gratis data (o facultas)* que se desarrolla con la *gratia habitualis* (la practica virtuosa), de acuerdo al modelo de su vocación: Ignacio. " In: COUPEAU, José Carlos SJ. Op.cit. pg. 79.

⁵ De acordo com Walter S Mellion, em *The Art of Vision in Jerome Nadal's Adnotationes et Meditationes in Evangelia*, Nadal acreditava ser a visão um instrumento da fé e defendia a utilização da imagem nas práticas meditacionais jesuíticas, uma vez que o próprio Cristo utilizara de artifícios visuais para alcançar o coração de fiéis. Contemplar as imagens da vida de Jesus possibilitaria a ascese religiosa e a revelação dos mistérios da salvação. Mellion demonstra como Jerônimo trabalha com a relação dos sentidos exterior e interior: a partir do apelo ao sentido visual, exterior, tenta-se alcançar a consolação interna. Para Nadal, a verdade divina só pode ser alcançada pela emoção; o mero conhecimento do evangelho sem uma sincera comoção, um verdadeiro amor pelo ato misericordioso de Deus para com os homens, não o motivaria a tronar-se um instrumento da salvação na terra. Para o autor Nadal utiliza a imagem na tentativa de sensibilizar o devoto, convidando-o a participar da missão de Cristo no mundo: a salvação e redenção dos homens.

Jerônimo, não bastava a sujeição, uma vez que, com o tempo, o devoto sentir-se-ia tentado a fazer o que realmente desejava. Por isso, para haver obediência dever-se-ia amar a Deus fazendo da Sua vontade um ato de regozijo interno. No entanto, contemplar apenas a palavra divina não era o suficiente; tornava-se imprescindível encaminhá-la a prática. *Practice*, portanto, consistia nos ministérios jesuítas, cujo objetivo era a salvação das almas.

(...) não se deve cuidar de especulações somente, pois isso seria um erro muito grande; e nestes tempos esta (*practice*) é o mais necessário a se fazer, porque o mundo está repleto de hereges, os quais pretendendo acabar com as obras, dizem que só a fé basta. Portanto, (...) nós devemos trabalhar para trazer tudo à prática. (NADAL, 1945, p.45)

Após sua visita à Alemanha⁶, Jerônimo, em uma carta a Inácio, apontou a situação problemática, na qual o país encontrava-se. Ele demonstrou grande preocupação perante a expansão luterana. Durante sua estadia em Viena, Jerônimo relatou que uma de suas principais preocupações consistia em “afastar os catecismos heréticos das mãos de nossos estudantes, assim como os livros de autores heréticos, mesmo que não se tratem de matéria de fé.”(NADAL, apud CANELLAS, 2007, p.127).

Com isso, torna-se possível supor que sua emulação ante o protestantismo também tenha influenciado sua alegação sobre as potencialidades dos elementos visuais, assim como a produção de uma obra meditacional, alicerçada no poder imagético. Nesta primeira metade do século XVI, os reformistas radicais, como os seguidores de Zwinglio, defendiam a iconoclastia, para a qual a figuração, devido a seu caráter puramente mundano e sectário, não poderia ser utilizada como instrumento religioso. A igreja católica, por sua vez, na tentativa de contestar o discurso reformista, revalorizou o uso da imagem por sua eficácia pedagógica. Além disso, Nadal participou da terceira seção do Concílio de Trento, na qual a importância dos sacramentos foi ratificada, assim como a criação de uma nova iconografia sacra, cujo convencimento associar-se-ia ao deslumbramento decorrente das impressões sensíveis.

⁶ Em 1554, Papa Julio III nomeara Nadal, junto com Lainez, teólogo do Concilio de Trento, para acompanhar o cardeal Morone na Dieta de Augsburg, no intuito de restaurar o catolicismo na Alemanha. Ignácio, sabendo da missão de Jeronimo aproveitou para nomeá-lo Comissário geral da Companhia na Itália, Austria e outras regiões, para que tivesse autoridade sob as casas jesuíticas por onde passasse durante a viagem à Augsburg. In: CANELLAS, Juan. Op.cit. p.123.

Jerônimo reflete sobre a relação entre o mistério da Encarnação e as representações pictóricas. Ele demonstra que a possibilidade de se alcançar a *graça* deve-se a Encarnação de Cristo, pois a Palavra tornou-se visível, a Verdade tornou-se carne; nossa habilidade cognitiva não é capaz de conceber diretamente Deus, mas nos permite conhecer a sua revelação encarnada. Devido a Sua benevolência, Ele nos concedeu a *graça* do entendimento através da vinda de Seu filho ao mundo e de sua morte na Cruz.

Deus, nosso Senhor comunica a *graça* nesta vida, e tem já comunicada aquela grande plenitude dela em sua Paixão sacratíssima, com que nos fez capazes a todos de sua glória abrindo o caminho para poder ir a ela e salvar-nos. (NADAL, 1945, p. 75)

Portanto, a hipótese de Coupeau – defende que a obra nadalina em questão fora elaborada para um público leigo, de fora da Companhia de Jesus – não corresponde ao objetivo primário nadalino: publicar um livro imagético de meditações, no intuito de aperfeiçoar a formação dos jovens integrantes da Ordem, através de um melhor entendimento de seu papel no mundo e melhor preparação para lidar com a expansão protestante que relega a fé, a salvação da humanidade.

A experiência sensorial seria o caminho, encontrado por Nadal, para facilitar a passagem jesuítica ao *corde*, pois ao mobilizar o espectador, leva-o à contemplação do *spiritu*, e, conseqüentemente a *practice* no mundo.

Considérese que siempre han de caminar juntamente la vida activa y contemplativa. Mas el tiempo de la probación tan exacto hace que venga en alguna perfección la activa y domine la contemplativa y guie y gobierne con quietud y ilustración en el Sénior, y ansi se llega a la vida activa superior, que supone la activa y contemplativa, y tiene fuerzas de imprimirlas en todos, según conviene a mayor servicio de Dios; y brevemente: la acción de la caridad unida con Dios es de perfecta acción.(NADAL, 1577, p. 679.)

Pretendo demonstrar que a obra nadalina representou a tentativa de uma conciliação entre vida ativa e contemplativa, através da elaboração de imagens retóricas– além das anotações e meditações acopladas a elas - análogas a sua tríade *spiritu, corde et practice*, que sintetizavam “o modo de proceder” da Companhia.

A relevância de um estudo sobre esta Ordem decorre de sua influência não apenas religiosa, como também política, uma vez que os colégios e universidades jesuítas ganharam extremo reconhecimento e importância, durante este período -

durante o decorrer deste século percebemos o rápido crescimento desta ordem pela Europa e suas colônias ocidentais e orientais. Compreender o seu “modo de proceder” significa, portanto, aproximar-se da formação intelectual de uma elite que influenciou não apenas a cultura política européia como também a americana devido ao colonialismo presente na época moderna.

Atualmente, vemos um grande esforço desta mesma ordem religiosa em consolidar o significado da Companhia no mundo contemporâneo. Para isso, houve a retomada de alguns de seus mais influentes pensadores; uma genuína tentativa de olhar o passado com os olhos e as questões do presente. De acordo com José Carlos Coupeau, o Concílio Vaticano II possibilitou a retomada de escritos da Contra reforma, na busca de uma resposta à secularização da sociedade contemporânea. A reedição da obra nadalina em 2005, assim como a renovação dos estudos deste autor, por muitos anos esquecido, demonstra a necessidade da Companhia em repensar o seu papel no mundo, além de reforçar a importância deste estudo por sua atualidade. A escolha da obra de Jerônimo Nadal deve-se a seu papel dentro da própria Companhia, pois como propagador das *Constituições* por toda a Europa, Nadal tivera um maior contato com seus companheiros do que o próprio fundador Inácio de Loyola, o qual, quando enfermo designara Jerônimo como o geral de sua Ordem.

Portanto, a análise da cultura visual nadalina nos aproxima não apenas do “modo de proceder” passado à maioria dos jesuítas de sua época, como também nos ajuda a compreender a importância de sua retomada nos dias atuais. Nadal tentara passar a seus companheiros o significado de ser um jesuíta, em meio às críticas que fragilizaram a identidade e relevância da Companhia perante as demais ordens religiosas⁷. A contemporaneidade trouxera consigo a fragmentação do homem através de sua multiplicidade de papéis e negação de uma unidade identitária. O retorno de obras como a de Nadal demonstram uma tentativa de ratificar, mais uma vez, seu papel e sua importância no mundo, através do fortalecimento de uma identidade religiosa.

***Invisiblia per visiblia.* O apelo sensorial da cultura visual nadalina.**

⁷ Refiro-me tanto às críticas protestantes, quanto as divergências internas que assolavam a Companhia de Jesus naquela época. Ver O'MALLEY, John. *Os Jesuítas e a Igreja como um todo*. In: *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; 2004

A Companhia de Jesus da época defendia a utilização do apelo visual em práticas meditacionais, no intuito de alcançar a graça divina e convertê-la em ações no mundo. Mas será que toda representação visual poderia nos proporcionar essa passagem à ascese religiosa?

De acordo com Michael Baxandal (1988), existem três razões para a instituição de imagens no âmbito religioso, contudo somente duas adequam-se ao caso particular do livro de Nadal: para que as mensagens bíblicas e os exemplos sejam fixados em nossa memória e para incitar sentimentos devotos.

Ao lermos a introdução da obra de Jerônimo, podemos notar como os artifícios pictóricos prostraram-se à disposição da finalidade religiosa. Mas o mais importante consiste na ênfase dada à qualidade atrativa que tal imagem deveria possuir. Assim como a contemplação deveria ser o meio pelo qual a compreensão do *spiritu* direcionaria o devoto às ações no mundo, a imagem deveria ser o instrumento através do qual o recurso ao sensório incitaria um juízo de valor, cuja finalidade centrar-se-ia na utilidade espiritual. Dessa forma, tornando-se método, a representação visual passou a ser concebida como um meio de comunicação, uma técnica persuasiva, cuja legitimação não reside em si própria, mas em seu objetivo final.

(...) por ser o produto de uma atividade puramente mental, antecede todo procedimento técnico, sendo a técnica um modo de comunicação que entra em cena apenas quando o imaginado tem uma utilidade social e merece portanto ser comunicado, assim como se comunica um dado de conhecimento ou uma verdade religiosa. Surge assim o problema do estilo (...) que não se refere ao modo da imagem, mas ao modo de comunicar utilmente o imaginado. (ARGAN, 2004, p.25)

Utilizando a imagem de acordo com a arte retórica é possível torná-la mais do que uma simples ilustração. Ela comunica-se com o espectador, provocando fortes emoções e fixando assim na alma deste uma lembrança, ou imagem interna, capaz de transformar suas faculdades interiores e, com isso, sua atuação no mundo.

A imagem material contém um sentido que perpassa a mera *ornatus* e é captada pelo intelecto humano. Ao assimilá-lo, este, orientado pela arte retórica, alcançará o *Afecto* do espectador, que, por sua vez, criará uma imagem mental e através da

meditação dessa memória visual, sua atuação será influenciada pela mensagem que tal imagem retinha.

As imagens interiores adquirem então maior importância, enquanto se difundem novas imagens exteriores, suporte de experiências extáticas e visionárias(SCHMITT, 2002. P.598)

De acordo com O'Malley, a utilização da retórica pelos jesuítas era comum, pois ajudava na acomodação de sua mensagem a diversos públicos. Jerônimo Nadal era um grande conhecedor desta técnica e a utilizou em suas imagens, no intuito de melhor persuadir o leitor/ espectador.⁸

Nadal fazia parte de uma cultura denominada “humanismo devoto”, na qual as obras de Quintiliano eram tidas como alicerce para a formulação de um estilo literário próprio - *ars dicendi*. Em suas diversas exortações sobre as *Constituições* a defesa das letras é uma constante, pois mesmo que a oração faça do homem um religioso, somente a *eloquentia* sagrada o tornaria capacitado a “*falar das coisas da fé*”, pregar e até mesmo lidar com os hereges. Posto que o “demônio” tende a ser muito persuasivo, o jesuíta, ainda que possua boas intenções e entendimento das verdades religiosas, fracassaria em sua missão salvífica se não obtivesse essa *scientia* do bem dizer.

(...) as letras nos hão de servir para pelejar contra tal sábio, que é o demônio e seus seguidores; e devemos persuadir-nos que, assim como a comum graça e o favor da vocação, Deus nosso Senhor também quis que houvesse nela (na Companhia de Jesus) (...) muitos doutores, uns em Filosofia, outros em Teologia, outros em Retórica e Humanas. (NADAL, 1945, p.126)

Esta defesa nadalina sobre a relevância das letras – mais precisamente da retórica – assemelha-se à alegação aristotélica quanto à utilidade desta mesma habilidade.

A Retórica é útil porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários. Donde se segue que se as decisões não forem proferidas como convém, o verdadeiro e o justo serão necessariamente sacrificados: resultado este digno de censura. (ARISTOTELES, 2000, p.31)

⁸ “Persuadir en sentido más amplio, se debe identificar con el tercero de los objetivos intrínsecos de la retórica (*docere, delectare, movere*). Se trata de mover al auditorio a la acción. “ In: COUPEAU. Op.cit. Pg. 53.

Com efeito, Nadal teve contato com os estudos aristotélicos, principalmente na Universidade de Alcalá, onde se graduou em Artes. Além disso, a tradição retórica de Quintiliano - que, como vimos à cima, foi uma grande influência na formulação de uma eloquência sagrada - nos remete a Aristóteles⁹, cuja obra *A Arte Retórica* evidencia a centralidade concedida pelo autor à experiência visual, em razão do deleite proveniente desta. Para Aristóteles, a persuasão é incitada pelo prazer advindo das sensações, sobretudo visuais, e, por isso, acreditava que a força icônica deveria ser explorada como técnica retórica - “colocar as coisas diante dos olhos” (OLIVEIRA, 2006, p.13)

Contudo, o apelo às paixões não é o único elemento constituinte da retórica, pois para Aristóteles, a finalidade desta arte não consistia na persuasão e sim em ver o que cada situação específica possui de persuasivo, através da adução de provas. Estas podem ser de duas diferentes categorias: provas dependentes ou independentes da arte; as primeiras (testemunhos, confissões, convenções escritas...) apenas devem ser utilizadas, uma vez que já convencem por si só; as segundas (exemplos, entinemas) devem ser elaboradas pelo orador e são “os meios de demonstrar o que realmente são ou na aparência são” (ARISTÓTELES, 2000, p.34), pois o domínio da retórica não se assimila ao da verdade científica, mas, sim, a do verossímil. “Seria tão absurdo aceitar de um matemático discursos simplesmente persuasivos quanto exigir de um orador demonstrações invencíveis.” (ARISTÓTELES, apud REBOUL, 2004, p.27)

A retórica, portanto é a arte de argumentar em momentos nos quais a demonstração não pode ser possível, tornando-se, assim, necessário o uso das “noções comuns”, da verossimilhança, posto que “verossímil é o que acontece as mais das vezes”. (ARISTÓTELES, 2000, p.35)

Com o estudo dos escritos de Jerônimo Nadal e a identificação das influências teológicas e humanísticas que ajudaram a conceber a estruturação de seu pensamento, quanto à vocação jesuítica, torna-se possível analisar os elementos visuais presentes em sua obra. A articulação destas diferentes considerações – retóricas, místicas e escolásticas – capacita compreender a intencionalidade subjacente à constituição

⁹“Contrariamente as conclusões de Solmsen, foi Quintiliano, e não Cícero, quem conservou e em última análise transmitiu a herança intelectual de Aristóteles no que diz respeito a retórica.” GINZBURG, op.cit., pg 75.

imagética, ou seja, possibilita “conjeturar o invisível através do visível.”(GINZBURG, 2000, p.57)

A convenção retórica da naturalidade, por exemplo, perpassa a construção pictórica natalina. Para que uma imagem possa persuadir, assim como o discurso é necessário obter uma familiaridade, ou seja, tornar a construção visual semelhante a nossa realidade. Dessa forma, o espectador, ao identificar-se com a representação, consegue imaginar-se em uma mesma ou similar situação e, com isso, emociona-se. Por isso vemos a preocupação de Nadal, e mais tarde Jimenez, quanto à procura dos melhores artistas da época para a produção de suas imagens.

Além disso, a preocupação em ratificar a historicidade da narração – a constante corroboração de seus argumentos por testemunhos, a descrição dos locais e regiões onde tais acontecimentos sucederam; provas independentes da arte. A letra D da imagem da Anunciação pode ser um exemplo: “o quarto onde está Maria, agora visto em Piceno.” - também demonstra a importância de concebê-la como real ou verossímil, facilitando uma possível identificação e comoção do espectador ao visualizá-la. Além disso, o espectador, praticante de exercícios espirituais, por obter um considerável conhecimento dos episódios narrados pelo Novo Testamento, já detinham uma prévia visualização interior do que seria representado no livro de Jerônimo. Portanto, a caracterização e organização cenográfica eram feitas segundo sugestões narrativas. O sermão era um forte guia para a construção dessas imagens representadas. Devido à preocupação em não particularizar as imagens, a afetividade não dependia da feição dos personagens, mas sim de sua posição corporal. Dessa forma, criaram-se lugares comuns, ou seja, descrições e características presentes na maioria das figurações religiosas, uma vez que se tornaram um senso comum.

A representação de Maria na *Anunciação* fora vinculada ao Colóquio Angélico, tema que discorria sobre a dramatização da figura da Mãe de Cristo, no momento em que recebe essa missão divina - Inquietude, Reflexão, Interrogação, Submissão e Mérito.



Anunciação, Pintoricchio 1501. Igreja Santa Novella, Spello, Úmbria. Fonte : www.mostrapintoricchio.it/



Anunciação de Jerônimo Nadal (detalhe). Adnotationes et Meditationes de 1607.

De acordo com a representação da *Anunciação* do livro de Nadal, podemos assimilar três diferentes emoções no Colóquio. Se analisarmos a passagem de Lucas, referência bíblica dada pelo autor, veremos que sua descrição aproxima-se do primeiro

estágio: Inquietude. De acordo com as posições determinadas por Baxandal, Maria está reflexiva, assim como a representação de Pintoricchio em sua pintura *Anunciação*. Contudo, a partir da legenda de Nadal, o único sentimento mencionado é sua submissão à decisão de Deus, o que a aproximaria do quarto estado do Colóquio Angélico. O Mérito não é observado na figuração de Maria, porém esse sentimento é representado pela flor na mão do anjo Gabriel. Ela representa a pureza, uma valorização do resguardo da Virgem.

A perspectiva também ajudou nesse quesito da naturalidade como na convenção da clareza ao possibilitar uma distribuição mais equilibrada dos personagens dentro de uma composição geométrica do espaço, os ordenando de forma mais organizada na história narrada. Com isso, as ilustrações, estando mais realistas, tornaram-se mais persuasivas, portanto mais eficazes em seu propósito jesuítico de mover o devoto, através da emoção.

Durante a Idade Média a simultaneidade temporal em uma mesma cena, também era possível, contudo, por ignorar a construção espacial segundo as regras da perspectiva, a superposição de figuras poderia tornar confusa a representação narrativa. A imagem perspéctica, por sua vez:

é capaz tanto de organizar eventos, tornando visual o significado histórico e teológico dos fatos sagrados (o escalonamento ascensional das figuras dirigidas pela figura do triângulo mantém inalteradas a autoridade e a hierarquia religiosas), quanto de assinalá-los com a certeza de fatos ordenados num espaço límpido e geométrico (a progressão dos planos em profundidade). (KAMITA, 2000, p.235)

Ao analisar a disposição dos personagens, podemos perceber que as cenas mais distantes representam fatos precedentes – como a letra F, referente à criação do primeiro homem – ao evento principal (a anunciação da vinda de Cristo), ou fatos sucessivos (letra G, a morte de Cristo). Esse deslocamento temporal, denominado “figura dentro da figura” (MOTIFF, 1990, p. 631) pode ser considerado, nesta iconografia em particular, uma construção retórica alegórica.

João Adolfo Hansen (1986), em seu livro *Alegoria, construção e interpretação da metáfora*, identifica e diferencia duas espécies de alegorias: a alegoria poética e a

alegoria teológica. A alegoria poética é um procedimento construtivo, representa e personifica abstrações através de técnicas metafóricas. Enquanto a alegoria dos teólogos é uma interpretação religiosa dos textos bíblicos, não se trata de um método de retórica poética, mas uma eficiente ferramenta de ensino. Por isso a alegoria teológica diz respeito ao receptor. A habilidade cognitiva do público deve ser considerada, pois somente dessa forma, a utilização de analogias em sua imagem será eficaz. Isso significa que independente da capacidade do autor, seu trabalho deve estar condicionado ao conhecimento do grupo, ao qual se destina.

A alegoria, enquanto método de persuasão pressupõe uma técnica de convencimento, de comoção, própria do artista, bem como uma própria do espectador de deixar-se persuadir, tão intrincada quanto à primeira. Quintiliano concebeu a alegoria como um procedimento retórico, mas os Padres primitivos que adaptaram sua definição à hermenêutica da Bíblia entenderam a alegoria como revelação de mistérios. De sua definição depreendemos que a alegoria como tropo é uma transposição: a alegoria é a presença em *absentia*.

Ao retornarmos à análise das diferentes cenas presentes na imagem da Anunciação, podemos perceber como Nadal concebera a alegoria de maneira semelhante aos Pais da Igreja, a alegoria dos teólogos defendida por Hansen. Por constituírem acontecimentos históricos distintos foram representadas em temporalidades diferentes, - por isso a subdivisão da imagem - contudo, devido a essa disposição espacial, dessa técnica de deslocamento temporal, em uma mesma representação visual, torna-se possível interpretá-las figuralmente, sem deixar de concebê-las como históricas, dando-lhes dessa forma uma unicidade que, aparentemente, não possuíam. Adão é a figura de Cristo, pois, devido à sua sapiência e onipresença, no momento em que o primeiro homem foi criado, Deus já sabia de sua futura condição de pecador e, por isso, determinara à vinda de Jesus a Terra para salvar a humanidade com a sua morte. Auerbach classifica *figura*, no mundo cristão, como um fato histórico que anuncia outro. Através da interpretação destes, a figura torna-se o meio pelo qual o jesuíta, através de sua meditação, alcança o *spiritu*, ou seja, a espiritualidade por detrás dos acontecimentos.

Adão Me representa e Eva representa Minha mãe. Quando Eu previ que ambos iriam pecar e que através do pecado a integridade da

natureza humana seria corrompida, Minha misericordiosa sabedoria designou um segundo Adão e uma segunda Eva. O que o primeiro homem manchou, o segundo iria restaurar. (NADAL, 2003, p.109)

Essa interpretação figural não anula a concretude do ocorrido. Tanto Adão quanto Jesus são representados na imagem como personagens históricos e seus significados mais profundos, de figura e preenchimento, não invalidam suas vivências efetivas no mundo. Portanto, mesmo alegórica em um sentido mais amplo, diferencia-se das demais alegorias, pois se restringe a interpretação da história, ao invés de referir-se a conceitos mais abstratos, como é de costume nas construções clássicas. Porém, independente de sua plena historicidade, esses acontecimentos terrenos são apenas sombras da *veritas* eterna que a desvenda e que nos remete a um evento prometido, mas ainda futuro.

Isso não é verdade apenas em relação à prefiguração do Velho Testamento, que aponta para a encarnação e a proclamação do evangelho, mas também para aqueles acontecimentos recentes, pois eles também não são o preenchimento derradeiro, mas trazem em si mesmos uma promessa do fim dos tempos e do verdadeiro reino de Deus. (...) Não só as figuras são provisórias, como são também a forma provisória de algo eterno e atemporal; apontam para algo que necessita de interpretação, que na verdade será preenchido no futuro concreto, mas que já está presente, preenchido pela providência divina, que não conhece diferenças de tempo.” (NADAL, 2003, p. 51)

A importância da interpretação figural, no livro de Nadal, consiste nessa compreensão da presença eterna de Deus, pois através dela o jesuíta apreende sua vocação como propagador da glória divina. Ao meditar sobre a imagem, o espectador compreende que a missão iniciada por Cristo não terminou, pois a promessa da Salvação ainda não se tornou realidade. Com isso, percebe que Sua morte, mesmo estando no passado, continua presente e atual, uma vez que atinge diretamente a sua vida e o destino de sua alma. Jesus venceu a batalha com sua crucificação, mas o homem deve estender tal vitória, ao tornar-se seu companheiro; dessa forma, o jesuíta passa a perceber-se como parte integrante dessa cruzada religiosa, na qual somente a fé não bastaria - como o luteranismo defende - pois isso significaria não enxergar com o coração, não compreender as mensagens divinas no mundo. Assim, como os Apóstolos, os santos, os evangelistas, a Companhia deve proceder com a guerra iniciada por Cristo para salvar as almas e libertar o mundo dos hereges.

Cristo (...) chama aos seus anjos e santos; e chama a todos os homens dizendo que sigamos sua bandeira da Cruz (...). E esta é a guerra cotidiana que cada dia se faz de nossa parte, e quer Cristo Nosso Senhor que o sigamos e combatamos e vamos adiante. (NADAL, 1945, p.81)

Por conseguinte, considerar a presença de Deus ajuda na submissão à sua Vontade, pois aumenta o receio de sua represália. De acordo com Aristóteles, causa-nos temor aquilo que nos está próximo e que consideramos possuir grande poder. Além disso, para que haja medo deve-se haver também a possibilidade de salvar-se, pois o completo desespero anularia a obediência esperada. Desse modo, os artifícios visuais utilizados por Nadal não só incitam a *res sensibilis*, como também demonstram o Logos que preenche os acontecimentos históricos, demonstrando a vocação jesuítica e instigando-o a conformar-se com ela através do *pathos*, mais precisamente da inspiração do temor quanto ao poder divino.

A identidade e a diferença entre os homens exprimem-se e medem-se por suas paixões; são índices e ao mesmo tempo parâmetros. O prazer que se quer repetir e o sofrimento que se quer afastar são suas manifestações intrapessoais. A imaginação tem precisamente por função, diz Aristóteles, manter presentes no espírito essas sensações, depois de se terem produzido. As paixões têm uma função intelectual, epistêmica; operam como imagens mentais: informam-me sobre mim e sobre o outro tal como ele age em mim (prazer/sofrimento). (MEYER, 2000, XLII)

As imagens referentes à Paixão de Cristo, seu sofrimento e morte para nos salvar, possuem um caráter mais patético que as demais, pois é precisamente durante essas cenas que a compaixão será incitada de maneira mais contundente. Ao fazer o devoto testemunhar essas cenas de pesar, Nadal evoca um sentimento de culpa, essa necessidade do homem de se arrepender de sua condição de pecador.

Vamos colocar diante dos olhos da fé e pia meditação o filho de Deus, Jesus preso na coluna e cruelmente machucado, vamos inspecionar Suas feridas, e rastros de sangue. Se conseguirmos sentir nossas perdas, poderemos confessar que as feridas da nossa alma não podem ser curadas por nenhum medicamento; nos deixemos acreditar em nós mesmos como miseráveis pecadores.(NADAL, 2003, p.177)

Mas não é apenas pela imagem que Nadal evoca a *per essentiam, per potentiam et per praesentiam* de Deus em sua obra. Em sua meditação, podemos perceber outra técnica retórica, as figuras de enunciação; utilizando a apóstrofe, por exemplo, – esta

consiste em dirigir-se a alguém diferente do público – o autor organiza um diálogo entre leitor e Cristo, ou outros personagens presentes na representação visual, a qual a meditação se refere. A prosopopéia, por sua vez, seria a atribuição do discurso aos que foram interrogados, como uma resposta às perguntas que lhe foram proferidas, tornando-os, dessa forma, presentes diante do leitor. Com isso, o espectador torna-se atuante na história da salvação; logo, passa a ser sua obrigação perpetuar a ação divina no mundo, tomando o seu lugar como companheiro de Jesus.

A pergunta retórica (figura de argumento) – “Quem já viu algo como isso?” - assim como a hipérbole (figura de sentido) – “Não há nem nunca haverá algo parecido”. - e a antítese (figura de repetição) – “O infinito tornou-se finito, o imortal, mortal o invulnerável, vulnerável e o onipotente, fraco.” (NADAL, 2003, p. 111) - é utilizada por Nadal no intuito de iluminar a importância e grandiosidade do dia da Encarnação-*Annunciatio* - e nos incitar a esses sentimentos mais profundos que influenciarão nosso desejo de nos submeter à vontade divina e a glória que nos foi comunicada. O amor é a chave para a perfeita obediência, para a negação de seu próprio juízo e resignação completa.

Com isso, o jesuíta alcança a *practice*, que consiste em ajudar a salvar as almas. Até mesmo para esse estágio a experiência visual possui grande relevância, pois será através das recordações do que compreendeu e principalmente através de suas consolações, que ele se tornará capaz de sempre agir conforme a vocação que lhe foi dada. A imagem comunica-se com o espectador, provocando fortes emoções e fixando assim na alma deste uma lembrança, ou imagem interna, capaz de transformar suas faculdades interiores e, com isso, conformar sua atuação no mundo.

Ayudan los gustos espirituales y sentimientos; mas de manera, que se tomen como medios y no como fines, y sobre todo únicamente se busque el affecto de la caridad en Dios y resignación de toda cosa en su infinito ser y bondad, y cooperación con la bondad y gracia de Dios. (NADAL, 1577, p.676)

Nos textos natalinos podemos perceber a importância que o jesuíta relega ao amor. A obediência aos preceitos religiosos está intrinsecamente ligada ao amor do devoto a Deus; para alcançar esse amor Nadal aposta em sua cultura visual que, ao aliar técnicas persuasivas a um conteúdo religioso nos revela a misericórdia divina: Deus

tornou-se homem e morreu para nos salvar. A compaixão, portanto, torna-se central para a cooptação do leitor, assim como a idéia de que a sua salvação não depende apenas da fé, mas também de ações que perpetuem esse projeto salvífico no mundo.

Você deve procurá-los para encontrá-los (a graça e o poder de Deus), para conceber o Espírito de Deus no seu coração (...). Saiba que a graça é oferecida a você e quando seu poder criar raízes em seu coração você poderá transformá-las em ações divinas e fazer trabalhos dignos da divina glória, com Cristo, como se estivesse trabalhando em você.(NADAL, 2003, p.113)

A memória, que já fazia parte integrante do *corpus* retórico da Antiguidade – referida por Aristóteles, Cícero e Quintiliano¹⁰ – insere-se na tradição religiosa ao tornar-se fundamental à constituição das imagens mentais utilizadas pelos tratados religiosos místicos. De acordo com Fernando de La Flor, textos clássicos como o *Ad Herennium* contribuíram para a formação dos “lugares da memória” presentes nos tratados referentes às imagens cristãs.

Es preciso colocar en orden los lugares y meditarlos mucho para que jamás se olviden, pues las imágenes, lo mismo que las letras se borran cuando no hacemos uso de ellas. (FLOR, 1966, p.64)

Marc Fumaroli esclarece essa incorporação de um elemento visual como eficiente técnica persuasiva:

Oferece ao leitor um Palácio ou Templo da memória cristã, totalmente constituído e cujo itinerário iniciático pré-determinado conduz a alma, de seus erros terrestres, a contemplação das mais altas verdades da fé. (FUMAROLI, apud OLIVEIRA, 2004, p.2)

Os tópicos, referentes às anotações alfabeticamente organizadas e indicadas a cada acontecimento representado na imagem, constituem um *aide-mémoire*, pois apresentam em poucas linhas - brevidade essa que facilita a memorização – o tema apresentado na meditação. Os sentimentos precedentes a contemplação do *invisiblia per visiblia* são preservados na memória do praticante e é a partir destas lembranças que se torna possível manter-se em contato com a graça divina. Portanto, a *reliquiae cogitationum*- relíquias gravadas em nossa memória, as quais podemos sempre meditar

¹⁰ “Al recopilar estos preceptos capitales en los que se apoya la mnemónica, el fundador de la escolástica (Tomás de Aquino) está completando viejos contenido clásicos. Estas mismas reglas, con ligeras modificaciones en algún punto, son básicamente las mismas que se encuentran instaladas en la retórica *Ad Herennium*, en el *De oratore ciceroniano*, en los tratados de Alberto magno, de Quintiliano antes y, sobre todo, en el *De memoria* aristotélico.” In: FLOR, Fernando R. de la. Op.cit. pg.59.

sobre e mais uma vez nos emocionar, conformando nossas ações à graça inerente a tal recordação - é a maneira pela qual o devoto, torna-se o instrumento divino na terra, uma extensão das obras de Cristo anteriormente contempladas.

Através da experiência visual apresentada e a partir destas meticulosas anotações, organizadas alfabeticamente, espera-se que o espectador seja condicionado a construir, juntamente com Nadal, uma “imagem mental” referente à cena apresentada. Passo a passo, a ilustração deixa de ser uma produção intelectual particular, de Jerônimo, para tornar-se uma aliança entre autor e receptor. Além disso, as *adnotationes* tinham como principal objetivo manter a atenção do leitor/espectador em momentos essenciais da narrativa bíblica. Somente através de uma compenetração do devoto sob a construção visual, poder-se-ia contemplar as verdades divinas, pois o mero relance não seria suficiente para alcançar a ascensão espiritual.

Para Nadal, seu livro seria a solução para o problema da inabilidade de se meditar, resultado da *evagatio* – divagação sem propósito – e *curiositas* – distração. Além disso, assim como a imagem representa o controle da imaginação *ad libitum*, uma vez que a conforma com um poder visual concreto que concorda com a ortodoxia católica, as notações que a acompanham reforçam tal concordância ao não permitir que o espectador interprete erroneamente o que lhe foi apresentado.

De acordo com Mellion, o ataque a máxima luterana *sola fide* nos ajuda a compreender o caráter ortodoxo do livro, além do constante destaque à idéia de *contemplatio in actione* presente nas meditações natalinas. Para a eficácia da *practice*, o *spiritu* deveria unir-se à razão; a missão jesuíta distinguiu-se por sua ação no mundo, ratificada pela oração e meditação e associada a uma educação em *humaniora*.

Essa “legenda” associada a cada imagem - uma “orientação” à meditação do leitor, sendo muitas vezes enfáticas nas implicações doutrinárias e ortodoxas de Jerônimo - podem ser relacionadas à seção do livro de Ignácio, *Exercícios Espirituais*, nomeada *Regras para pensar com a Igreja*. Esse capítulo apresenta afirmações sobre a prática pastoral, assim como determinados valores religiosos, apresentando posições ortodoxas semelhantes às de Nadal. Muitas vezes são apresentadas regras contrárias a idéias dissidentes que circulavam na época, como as luteranas. Um ato prudente contra as

possíveis suspeitas quanto à demasiada valorização da inspiração interior e da conversação íntima com Deus presente em seu livro.

(...) a meditação ou contemplação é um ato do entendimento e que vem a debilitar a cabeça e as potencias, porque o entendimento não pode obrar como sabem os filósofos, sem a ajuda dos sentidos exteriores e inferiores (...) posto que, ainda que isto (meditação) seja um ato do entendimento, deve trabalhar por discorrer pouco e fazer poucos atos do entendimento e muitos da vontade, detendo-se na Santíssima Trindade, ou na Paixão de Cristo, pondo os olhos Nele posto na Cruz; que isso te moverá logo a compaixão (...) para todos é esta a regra comum acerca do bem orar.(NADAL, 1945, p.199)

A *imitatio Cristhi*, portanto, está intimamente relacionada ao controle da imaginação - uma possível resposta à intensa subjetividade proveniente à época da Reforma - pois adapta a ação dos homens a um arquétipo a ser seguido, a vida de Cristo. De acordo com Maravall (1997), é próprio da cultura barroca essa direção; uma atitude ortodoxa e conservadora que assemelha-se as atitudes políticas da época, cujo objetivo centrava-se na manutenção dos quadros estamentais da sociedade. A liberdade de engenho era de fato valorizada, mas estava sujeita a um forte princípio de unidade e subordinação. Essa máxima da glorificação da obediência é semelhante ao papel da cultura visual jesuítica, como por exemplo, as imagens natalinas, pois restringem a imaginação e posteriormente a ação do devoto, na medida em que impõe um modelo, através do qual deve direcionar-se.

Maria, na *Annunciatio*, não representa, apenas, o preenchimento de sua prefiguração, Eva, pois também podemos concebê-la como *modellus* para os jesuítas. – “o modelo é mais que exemplo; é um exemplo dado como algo digno de imitação”. (REBOUL, 2002, p.182).

Primeiramente, ao analisarmos a simplicidade de sua moradia, podemos perceber que Maria era uma mulher humilde; além disso, o lírio na mão do anjo simboliza sua pureza. No momento em que recebe a visita de Gabriel, ela encontra-se em profunda contemplação, o que podemos perceber pelo púlpito, que alude ao conteúdo religioso do livro à sua frente e pelo novelo de lã, que não só nos remete a seu conhecimento das antigas prefigurações da Encarnação, como também a seu sincero desejo de resignar-se a vontade divina. Sua submissão ao que lhe foi comunicado

também pode ser apreendida por sua posição corporal, que já foi anteriormente explicada. Assim como Maria, os devotos ao entrarem na Companhia destituem-se de todos os seus bens materiais, professando o voto da pobreza, como também o da castidade. Para contemplar a *veritá* divina o jesuíta também deve meditar a partir das profecias figurais, interpretando-as no intuito de alcançar sua vocação no mundo – companheiro de Jesus – assim como Maria concebeu a sua – Mãe de Deus. A Virgem desejava ser a escolhida (a lã representa sua esperança de receber tal gloriosa incumbência), pois sabia que este era o desejo do Senhor. Além disso, o púlpito pode referir-se a pregação, ratificando que as verdades divinas não devem ser apenas contempladas, mas sim dispersas no mundo, na tentativa de salvar as almas. Desta mesma forma, através desse entendimento, *spiritu*, o jesuíta passa a amar o Senhor, *corde*, tornando-se servil à Sua vontade e agindo no mundo de acordo com ela, *practice*.

Jimenez nos revela que inicialmente a obra consistiria apenas nos elementos pictóricos e suas respectivas notações, sem as meditações, o que ratifica a importância do papel da representação imagética.

A imagem portanto não é neutra, e quanto mais ela é valorizada e singularizada pelos usos aos quais está destinada, mais ela parece afirmar sua autonomia com relação aos homens e seu poder sobre eles.(SCHMITT, 2002, p. 596)

As imagens também não estavam dispostas em uma ordem cronológica, pois foram organizadas de acordo com o calendário litúrgico, relacionadas ao *ministerium verbi*. Podemos conceber essa primeira organização da obra como uma tentativa de associar a oração pública à privada, uma vez que, para Nadal, esta última tornava um simples erudito em um instrumento de Deus.

O programa pastoral jesuíta consistia, basicamente, na tríade palavra-sacramento-obras. Mesmo que “palavra” denote mais do que apenas pregação e ensino, estes eram considerados os mais importantes para a *Constituição* da Companhia. Além disso, ambos estavam intrinsecamente relacionados, já que a pregação jesuítica tinha também uma função educacional. Porém, seu objetivo primordial era mover, ou seja, inspirar as pessoas a ações devotas. Com isso, conseqüente a essa intenção, há a necessidade do sermão emocionar. Como já foi dito anteriormente, para sensibilizar, os jesuítas acreditavam que o orador deveria ser um verdadeiro cristão. É devido a essa grande

importância dada à conversão interior, que os *Exercícios Espirituais* de Ignácio tornaram-se essenciais para Nadal, que acreditava na obrigatoriedade da prática desse retiro espiritual pelos noviços da Companhia de Jesus.

Sigamos con toda humildad la meditación, y conozcamos la gracia que en ella y en la oración Dios nuestro Señor nos ofrece y con ella cooperemos con toda suavidad de spiritu y modestia en el Señor, que suele dar sus dones grandes a quien con puro y humilde corazón le sirve y ama.(NADAL, 1577, p.676)

Devido ao comprometimento de Nadal com os *Exercícios Espirituais*, além de sua ferrenha convicção sobre a relevância da conversão espiritual interior para o alcance do ‘modo de proceder’ jesuítico e de sua função de mover o devoto e salvar as almas, é possível concluir que a decisão de escrever um livro de meditações possa ter sido influência de tal apreço.

Da mesma maneira que a cena, cautelosamente articulada com suas habilidades construtiva e interpretativa, o discurso, quando eloqüente, tornar-se-ia capaz de criar imagens mentais influentes no sistema cognitivo e analógico que condicionariam as ações humanas e suas práticas devocionais. Após meditar através da sincronia entre “espiritualidade visualizada” e suas orientações para a assimilação da doutrina cristã, o jesuíta, não só estaria preparado para a pregação, devido a sua conversão interior, como também devido a sua facilidade em reconstruir para o público uma imagem que já estaria arraigada em sua memória.

Durante o período da Contra Reforma podemos perceber uma crescente institucionalização destas imagens percussivas, claramente influenciadas pela retórica clássica, aplicadas a exercícios de contemplação e meditação e para a pregação. A utilização destas imagens para esta finalidade última – os ministérios jesuítas, em especial a pregação – resultam desta capacidade que tal construção visual possui de organizar separados pontos suscetíveis de evocação com uma forte emoção, proveniente de seus atributos dramáticos.

Ao observamos o conjunto da obra de Nadal podemos perceber que as imagens não possuem apenas uma linha condutora que perpassa todos os pontos (organizados pela legenda), que as compõe individualmente. Há também uma conexão entre diversas imagens do livro, facilitando ainda mais a fixação na memória do devoto. Não me refiro

aqui à linha cronológica que as perpassa: a história da vida de Cristo, apesar desta ser um importante aspecto indutor desta rememoração. Refiro-me à constante repetição que as imagens posteriores fazem de suas antecedentes.



No Dia da Visitação da obra **Adnotationes et Meditationes** 1607 (detalhe) de Jerônimo Nadal

A imagem *No Dia da Visitação*, por exemplo, possui em sua parte superior uma pequena medalha, uma reminiscência à imagem que a antecedeu - a *Anunciação*, que fora aqui analisada. Esta técnica é utilizada em diversas partes de sua obra e uma mesma imagem pode ser aludida mais de uma vez pelo autor. Essa constante repetição do que já fora contemplado ajuda o espectador a reforçar tais imagens na lembrança, além de encadeá-las com mais facilidade, o que, posteriormente, será de grande utilidade para a evocação destas *reliquae cogitationum*.

La intensificación de la representación imaginaria, ayudada por los grabados a su servicio, llega a crear una ficción de vida; una alucinación de tipo místico que la vemos por doquier extenderse en el interior del barroco español y que determina una iconografía escultórica que no hace sino repetir los modelos imaginados, en unas actitudes que no engañan respecto a su intención: la de reconstruir

imaginativamente la historia, teniendo ahora al devoto como centro de convergencia.(FLOR, 1966, p.91)

Destarte, a construção visual de Nadal possui todos os pontos necessários à apreensão do modo de proceder da Companhia, o qual consiste no objetivo de sua obra, e, principalmente, na missão de sua vida. Com a exceção de Loyola, Nadal foi o principal responsável pela formação dos jesuítas e sua obra *Adnotationes et Meditationes* representou a completude de suas inúmeras instruções e o fim, ou pelo menos um passo à frente, na busca à harmonia entre vida contemplativa e ativa.

Referências:

ARGAN,G. *Renacimiento y Barroco*. Madrid, Akal: 1987

_____, *Imagem e Persuasão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARISTOTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*, Rio de Janeiro: Ediouro; 2000

_____, *Retórica das Paixões*. Tradução MEYER, Michel.São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ASTRAIN, Antoine. *Historia de la Compania de Jesus em la Assistência de Espana*. vols I,II. Madrid: SE, 1912.

BAXANDALL, Michael. El ojo de la época. In: *Pintura y bienvenida cotidiana en el Renacimiento. Arte y experiencia en el Quattrocento*. Barcelona: SD; 1988

CANELLAS, Juan. *Jeronimo Nadal. Vida e influjo*. Cantabria: Sal Terrae, 2007.

COUPEAU, Jose Carlos S.J. Los Diálogos de Nadal. Contexto histórico-literario y hecho retórico. In: *Ignaciana*. Vol. 3 (2007).

_____. Nadal en los discursos de Arrupe. *Ignaziana*. 4, 2007.193-204.

_____. Nadal y Arrupe: Intérpretes del carisma ignaciano e inspiradores de su práctica. *Manresa* 79 (2007), 1-15.

FLOR, Fernando R. de La. *Teatro de La Memoria*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 1966.

GINZBURG, Carlo. *Relações de Força. Historia, Retórica, Prova*. Tradução de NETO, Jonatas. SP: Companhia das Letras, 2000.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria, construção e interpretação da metáfora*. São Paulo, Atual Editora, 1986, 1ª edição

HÖPFL, Harro. *Jesuit Political Thought. The society of Jesus and the state, c. 1540-1630*. NY: Cambridge University Press; 2008.

KAMITA, João Masao. A Janela do Mundo: A Arte do Renascimento. In: *Modernas Tradições*. Rio de Janeiro: Access; 2002

MARAVALL, Jose Antonio. *A Cultura do barroco. Análise de uma estrutura histórica*. São Paulo, EDUSP: 1997.

MELION, Walter. The Art of Vision . In: NADAL, Jeronimo. *Annotations and Meditations on the Gospels*. Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003.

MOTIFF, John. Francisco Pacheco and Jerome Nadal: New Light on the Flemish Sources of the Spanish "Picture- within-the- Picture". *The Art Bulletin*. Vol.72, no 4, pg 631-638, dez., 1990.

NADAL, Jerônimo. *Comentários sobre o Instituto da Companhia de Jesus*. São Paulo, SP: Edições Loyola; 2004

_____. *Contemplatif dans l'action. Écrits spirituels ignatiens (1535-1575)*. Tradução Antoine Lauras S.J. Paris: Desclée de Brouwer, 1994

_____. *Annotations and Meditations on the Gospels*. Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003.

_____. *Platicas Espirituales en Coimbra 1561*. Tradução de NICOLAU, Miguel. Granada: Facultad Teológica de la Compania de Jesus, 1945.

_____. *Epistolae P. Hieronumi Nadal Societatis Jesu, ab anno 1546 ad 1577* (Volume 11).

_____. Apologá de los ejercicios del P. Ignacio. Tradução Miguel Lop Sebastia. *Ignaziana. Rivista di ricerca teológica*. 2007.

OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. *Do Emblema à Metáfora, Breve Abordagem do Visualismo Patético Seiscentista*, disponível no site: www.filologia.org.br

_____, A Retórica da Imagem. Sobre as Releituras Seiscentistas de Aristóteles. X Congresso Internacional da Abralic: 2006, 18 pgs. Disponível em: paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/simp4.htm.

O'MALLEY, John. *Os Primeiros Jesuítas*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; 2004

REBOUL, Oliver. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, SP: Edusc; 2002, vol. 1

WADELL, Maj-Brit. *Evangelicae Historiae Imagines. Entstehungsgeschichte und Vorlagen*. Goteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1985.